

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 26 - número 51 - março 2017

vol. 26 - número 51 - março 2017

Fundação Eng. António de Almeida



DE UMA FRÁGIL RADICALIDADE  
A PASSO DE GATO NO PENSAMENTO (POLÍTICO)  
DE JEAN-LUC NANCY\*

ABOUT A FRAGILE RADICALITY.  
CAT STEPS WITHIN JEAN-LUC NANCY (POLITICAL THOUGHT)

HUGO MONTEIRO\*\*

**Resumo:** Este título parte da afirmação de um tempo incoincidente, fora da ordem do tempo no tempo da desconstrução e que se diz (também) na interrogação da possibilidade de um «Nós», assumido na herança de um «com» arqui-originário que ex-põe, abre e endereça. Resistência indomesticável, o sentido, na sua circulação de cada vez nascente, inscreve-se no pensar das artes e da política em Jean-Luc Nancy. Este texto pretende, então, ler e escutar o liame entre arte e política – cuidando-se evitar o perigo seja de uma concreção onto-teológica da palavra política seja da contaminação abusiva da arte convertida em arte política, na ingenuidade circunstancial de um *engagement* –, sublinhando de modo mais expressivo o tom, a cadência e a deslocação que a palavra ‘política’ vem assumindo na escrita de Nancy. *A passo de gato*, isto é, reconhecendo a invasão de uma vinda imprevista e indómita que, na antiguidade de uma ‘herança’ e na voragem de uma ‘promessa’, diz-se em excesso face a uma política centrada, ancorada e dimensionada na *polis*, nas fronteiras da razão, no desenho teológico-político do poder e da governação.

**Palavras-chave:** Desconstrução; Nancy; Derrida; política; compromisso.

---

\* Este texto desenvolve e actualiza a comunicação apresentada pelo autor no Colóquio Internacional de Pós-Graduação em Desconstrução – Heranças e Promessas da Desconstrução, que decorreu em 2014 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, organizado por Andreia Carvalho, Bruno Padilha, Fernanda Bernardo, Hugo Amaral, Maria Continentino, Serena di Giaimo e contando com a presença de Jean-Luc Nancy.

\*\* Professor de Filosofia no Instituto Politécnico do Porto/ Investigador no Gabinete de Filosofia Moderna e Contemporânea (Instituto de Filosofia- FLUP) e do Centro de Investigação e de Inovação em Educação (INED-IPP). (Mail: hugomonteiro@ese.ipp.pt)

**Résumé:** Ce titre part de l'affirmation d'un temps incoïncident, hors de l'ordre du temps dans le temps de la déconstruction et qui se dit (aussi) dans l'interrogation de la possibilité d'un «nous», assumé/approprié lors d'un héritage d'un «avec» archi-originaire qui ex-pose, ouvre et adresse. Résistance indomptable, le sens, dans sa circulation chaque fois naissante, s'inscrit au cœur de la pensée des arts et de la politique chez Jean-Luc Nancy. Ce texte veut donc lire et écouter le lien art et politique – avec la préoccupation d'éviter le danger soit d'une concrétion onto-théologique du mot politique soit de la contamination abusive de l'art convertie en art politique, dans l'ingénuité circonstancielle d'un engagement – en soulignant de façon plus expressive le ton, la cadence et la dislocation que le mot « politique » assume dans l'écriture de Nancy. A pas de chat, c'est-à-dire, en reconnaissant l'invasion d'une venue sans prévision et indomptable qui, dans l'antiquité d'un héritage et dans la voracité d'une promesse, s'affirme comme excessive face à une politique ancrée et dimensionnée dans la polis, dans les frontières de la raison, dans le dessin theologico-politique du pouvoir et du gouvernement.

**Mots-clés:** Déconstruction; Nancy; Derrida; politique; engagement

**Abstract:** This title affirms a non-coincident time, out of the order of time, in the time of Deconstruction. A time questioning the possibility of a “we” which inherits a “with” that ex-poses, opens and addresses. In its untamable resistance, in its everlasting circulation, sense places itself as the center of Jean-Luc Nancy's thought regarding arts and politics. The following text develops the connection between arts and politics while trying to avoid the risk of an onto-theological crystallization of politics and the abusive contamination of the artistic by the political, traced through the expression “political art” and circumstantial ingenuity of a political engagement. Therefore, we try to underline the tone, the rhythm and the shift that a word such as “politics” assumes throughout Nancy's writing. We use “cat steps” to emphasize the unpredictable and unannounced character of an arrival which, as legacy and as promise, exceeds a politics based in the “polis”, in the limits of reason, and in the political-theological frames of power and governance.

**Key-words:** Deconstruction; Nancy; Derrida; politics; engagement

«L'«écriture» est le nom de cette résonance de la voix : l'appel, la rencontre, et l'engagement que suppose l'appel à la rencontre. En ce sens, toute écriture est «engagée» en un sens qui précède la notion d'un engagement politique ou moral, au service d'une cause »

Jean-Luc Nancy, «Répondre du sens», p.212

...«deslocava-se com rapidez através da vasta extensão amarela, procurava-lhe os limites; mas a sua própria velocidade parecia ser criadora de espaço e jamais pusera as patas onde o deserto se acaba»

Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, p.38.

«La déconstruction, j'y ai insisté, n'est pas neutre. Elle intervient.»

Jacques Derrida, *Positions*, p.129

«Je chercherai à nouveau une phrase, ou bien, ne trouvant rien, j'écrirai ce petit air, *mezza voce*, *mezzo pensiero*, un remuement sonore des rues et des pleurs de la pensée»

Jean-Luc Nancy, «Rumoration», p. 127

Acolher, no acolhimento inventivo da leitura, o pensamento político de Jean-Luc Nancy é encarar o registo de uma *frágil radicalidade* apontada ao coração do tempo e tocando no concreto do mundo.

Na expressão «*radicalidade do frágil*» e referindo-se a Levinas, Gérard Bensussan reporta-se à irredutibilidade de uma Ética, intraduzível ao reduto de qualquer economia disciplinar – *frágil*, ante a solidez austera do instituído –, em que as inadiáveis urgências de todos os tempos se inscrevem. Uma Ética cuja *frágil radicalidade* dita um afastamento, um silêncio nunca presente, mas que transporta não apenas a singularidade de um idioma filosófico (o de Levinas, para Bensussan, mas reconhecendo-se a vizinhança de Derrida, de Nancy, como de registos de escrita/pensamento que tecem a contemporaneidade noutro tom), como sulca o seu alcance hipercrítico, pela «impossibilidade que diz uma urgência e circunscreve um problema»<sup>1</sup>. Também o pensamento de Nancy, na sua inegável – até torrencial<sup>2</sup> – atenção para com o político, para com a Democracia e para com a afirmação da palavra no espaço público, se escreve num gesto de *frágil radicalidade*. Um gesto magnetizado pelo excesso, irredutivelmente exterior à polis, que excede o poder,

<sup>1</sup> Fernanda Bernardo e Gérard Bensussan, *Os Equívocos da Ética. A propósito dos Carnets de Captivité de Levinas/ Les equivoques de l'Éthique. A propos des Carnets de Captivité de Levinas* (Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2013), 75.

<sup>2</sup> Sublinhe-se a imensa vivacidade de escrita que, em Nancy, se concretiza também numa permanente e vigilante palavra pública, com artigos e entrevistas em páginas de jornais e revistas de grande difusão. A constatação de uma abundância não mascara o modo como esta atenção se dá na diferença de um idioma filosófico, que reinventa os modos de uma vigilância «intelectual» e reequaciona o gesto transformador dessa atenção.

dando azo à *radical* reinvenção da política, ainda subjugada à longa tradição de uma filosofia política, locomovida pela retracção ao que permanece na economia das certezas e no poder actuante e centralizador da polis.

Em vez desse território sedentário da certeza, impõe-se pensar a partir da linha de fuga que é, também, a voz exterior (a *parte maldita*, para dizê-lo com Bataille<sup>3</sup>), que reclama um pensamento «migratório», «exilado», «mutante»<sup>4</sup>, pensamento de «desvios, de fugas e de refúgios»<sup>5</sup> ou da fragilidade que cabe a todo o acto de palavra dita ou escrita. Uma fragilidade inerente à própria singularidade como excepção<sup>6</sup>, fora dos limites do simplesmente apropriável e, como tal, pluralizada em si mesma, exposta ao outro enquanto partilha/partição. Esta fragilidade, *tão mais indestrutível quanto mais tremente*, na radical formulação nancyana<sup>7</sup>, afirma a alteridade que a própria linguagem transporta, ao acolher o silêncio, ao regressar ao silêncio, ao interpelar o inominável ou ao endereçar-se ao sem acesso, na oração como *ad-oração*<sup>8</sup>.

Uma alteridade incalculável – furtiva ao reinado das planas simetrias ou da *equivalência geral* como fundamento de uma igualdade metafísica – reengendra o *comum* a partir da sua irredutibilidade, ou «alienação incondicional»<sup>9</sup>. O *comum* reassume-se a partir do tecido assimétrico *desta frágil radicalida-*

<sup>3</sup> Georges Bataille, *La Part Maudite* (Paris: Éditions de Minuit, 1967). Dialogando com Derrida em torno da *différance*, enquanto termo furtivo e rebelde às lógicas tradicionais de oposição/ diferenciação, Elisabeth Roudinesco alude a esta parcela maldita, dizendo-a não simbolizável, porque excedente à representação. Cf. Jacques Derrida e Elisabeth Roudinesco, *De Quoi Demain... Dialogue* (Paris: Fayard, 2001) 41.

<sup>4</sup> Mutante, como assinala Nancy em entrevista recente, comporta uma transformação profunda cujo sentido tende a ser silenciado, aplacado ou de alguma maneira docilizado pela tendência continuista e progressiva que quotidianamente se dá como certa. Torna-se necessário vincar a dimensão mutante da história do Ocidente mediterrânico até às mutações que inquietam o presente, não no sentido de surpreender qualquer constância ou dimensão preditiva, mas construindo-se uma *sensibilidade* (mais do que política) ao que acontece, ao que *nos* acontece e à própria mutação do mundo. J-L Nancy, «Phraser la mutation», in «Mediapart», consultado em 24 de Março de 2016, <https://blogs.mediapart.fr/juan-manuel-garrido-wainer/blog/131015/phraser-la-mutation-entretien-avec-jean-luc-nancy>

<sup>5</sup> Jean-Luc Nancy, «Savoir écouter le silence des intellectuels», *Libération* (22/9/2015), acedido em 24 de Março de 2016, [http://www.liberation.fr/debats/2015/09/22/savoir-ecouter-le-silence-des-intellectuels\\_1388232](http://www.liberation.fr/debats/2015/09/22/savoir-ecouter-le-silence-des-intellectuels_1388232)

<sup>6</sup> Jean-Luc Nancy, *O Peso de um Pensamento. A aproximação*, trad. de Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro (Coimbra: Palimage, 2011), 133-136.

<sup>7</sup> «Du coup, c'est indestructible: une conversation tout autant qu'un poème.», Jean-Luc Nancy, *Demande. Littérature et Philosophie* (Paris: Galilée, 2015), 197.

<sup>8</sup> Jean-Luc Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo, 2)*, trad. de Fernanda Bernardo (Coimbra: Palimage, 2014), 11-12.

<sup>9</sup> Jean-Luc Nancy, *La Déclosion (Déconstruction du Christianisme, 1)* (Paris: Galilée, 2005), 20.

*de*, vinda de algures e em trânsito, cuja desterritorializada ausência de cálculo «faz nascer culturas, línguas, costumes, formas, pronúncias, gostos, cores, saberes, leis e sonhos»<sup>10</sup>. Reinventa-se, em suma, a partir da dimensão circulatória de todos os sentidos do sentido, em Nancy, que é também a chance, tão actuante quanto pensativa, de um outro reengendrado compromisso, motivado por toda uma política outra. Uma política magnetizada por uma «fidelidade ao que a ultrapassa»<sup>11</sup>, como apelo mais do que político à justiça, à justiça *no mundo* ou à «resistência, à intervenção, à compaixão, à luta... infatigáveis e rígidas pelo próprio incomensurável do mundo»<sup>12</sup>.

Ditada, pois, pela irrupção de uma alteridade sem território, rebelde ao *kratos* instalado territorialmente nos discursos do poder, esta *frágil radicalidade* sugere-nos a transitividade de um título: um *passo de gato*, que atravessa o texto de Nancy, num curioso parêntesis:

«(Comme, à l'instant où j'écris, un chat blanc et roux traverse le jardin, emportant ma pensée avec la sienne, d'un glissement moqueur)»<sup>13</sup>

*A passo de gato*, isto é, reconhecendo a invasão de uma vinda imprevista e indómita que, na antiguidade de uma 'herança' e na voragem de uma 'promessa', diz-se em excesso face a uma política centrada, ancorada e dimensionada nas fronteiras da razão, no desenho teológico-político do poder e da governação: uma *sobre-política* em Nancy, viajando pela hesitação lexical entre o político, a política e um certo apolitismo como traços de uma política retirada/retraçada... Uma *outra política*, rigorosamente apartada do que na *polis*, na autonomia do sujeito político produtor de juízos ou da antecipação sobre um sentido histórico comum, está na base da tradição da filosofia política.

E é esta *sobre-política* ou *política outra*, nem calibrada na tradição nem demitida da urgência de toda uma outra voz política, que nutre o registo dessa *frágil radicalidade*: como interrupção de toda a economia do possível, num «pensamento da vida como an-económica, como sobrevida»<sup>14</sup> que é a desconstrução, distintamente afirmada nos pensamentos de Derrida e de Nancy. *Frágil radicalidade* ou, escutando Derrida, *força fraca* como renúncia à soberania da «razão do mais forte»<sup>15</sup>, na necessária permeabilidade à

---

<sup>10</sup> Jean-Luc Nancy, «Le sens commun», *Lignes* 48 (2015), 11.

<sup>11</sup> Jean-Luc Nancy, «Hors colloque», in: *Figures du Dehors. Autour de Jean-Luc Nancy*, org. Gisèle Berkman e Danielle Cohen-Levinas (Paris : Éditions Nouvelles Cécile Default, 2012), 536.

<sup>12</sup> Jean-Luc Nancy, *Le Sens du Monde* (Paris : Galilée, 1993), 225.

<sup>13</sup> Jean-Luc Nancy, *Être Singulier Pluriel* (Paris : Galilée, 2013), 22.

<sup>14</sup> Michel Lisse, «Une politique pour la vie», *Lignes* 47 (2015), 240.

<sup>15</sup> Jacques Derrida, *Vadios*, trad. de Fernanda Bernardo, Hugo Amaral e Gonçalo Zagalo (Coimbra: Palimage, 2009), 34-35.

vinda imprevisível do evento, ao excesso turbilhonante do que vem de fora como novidade sem precedência, na vez singular de cada repetição<sup>16</sup>. Uma fragilidade cujo *passo de gato*, na tónica do título deste escrito, sublinha a silenciosa, quase furtiva transitividade. Mais do que uma simples metáfora<sup>17</sup>, este passo de gato reclama a cadência *circulatória do sentido do mundo*<sup>18</sup>, retomando e reinventando o pensamento do sentido<sup>19</sup> como passagem entre singular e singular, vinda de algures, alheia, exterior, mas partilhada no mundo como proximidade de um desalcanço *em comum*.

Partimos, por isso, de um subtítulo transitivo: *a passo de gato no pensamento (político) de Jean-Luc Nancy*.

### 1. Mundos no mundo... *Que fazer?*

Enquanto filosofema, *mundo* encontra-se em clara excedência face à ideia tradicionalmente consensualizada de *globo, universo, terra ou cosmos*<sup>20</sup>, na órbita pacificada de uma unidade circular, fechada. Tal unidade, no

<sup>16</sup> Jacques Derrida, «Penser ce qui vient», in: *Derrida pour le temps à venir*, org. René Major (Paris : Éditions Stock, 2007), 20.

<sup>17</sup> A metáfora, tal como os seus conceitos vizinhos - «metahora, mimesis, logos, physis, phonè, semainein, onoma.» (Jacques Derrida, «A mitologia branca», in *Margens da Filosofia* (Porto: Rés editora, sd), 297. – permanece como *propriedade* da metafísica, no *território* dos conceitos metafísicos e ordenada a uma «teleologia do sentido» (Idem, *Ibidem*, 353). Trata-se antes de desconstruir toda uma topologia – desde logo, pensando em Nancy, desconstruir o sentido como topologia – na exposição ao traço, ao incalculável da *différance*. Cf. Jacques Derrida, ««Il faut bien manger» ou le calcul du sujet», in: *Points de Suspension* (Paris: Galilée, 1992), 274-276. Veja-se também, a este respeito, a releitura atenta de Nancy para com a palavra *mimesis* enquanto filosofema, na ambivalência entre a submissão a um modelo ou, por outro lado, o movimento desejante em direcção ao aparecer sem modelo, vinculado à anterioridade da *methexis* como desejo de imitação do inimitável. Jean-Luc Nancy, *Le Plaisir au Dessin* (Paris: Galilée, 2009), 75-83. A *methexis* como recuo face a uma presença, no que se constitui também como reabertura de toda a questão da *metáfora*.

<sup>18</sup> Jean-Luc Nancy, «Bramido comum», *Revista Filosófica de Coimbra*, 44 (2013), 336.

<sup>19</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, *op. cit.*, 28-30.

<sup>20</sup> Jacques Derrida, *Le Toucher, Jean-Luc Nancy* (Paris: Galilée, 2000), 68. Veja-se a assinalada diferença, de implicação filosófica, entre «globalização» e «mundialização», quando a referencialidade a *um mundo* denuncia o que parece ter-se generalizado na remissão a «globo», «cosmos» e «universo» pela hegemonia do termo «globalização.» J. Derrida, *A Universidade sem Condição*, trad. de Américo Lindeza Diogo (Coimbra: Angelus Novus, 2003), 10. Na afirmação de uma globalização susceptibiliza-se a estabilização de um termo marcadamente homo-hegemonico, ocultando a heterogeneidade,

modo como replica e procede (de) uma construção onto-teológica de soberania, no «paralelismo analógico entre elevação e poder»<sup>21</sup>, reitera-se no rumo colonizador de uma «globalização» expressivamente presente na propalada «global village»<sup>22</sup>, ideia de MacLuhan que espelha bem a clausura circular de um globo em nostalgia de unidade. Na verdade não há unidade do mundo ou, melhor dizendo, «a unidade do mundo não é una»<sup>23</sup>; é intotalizada e aberta, no rasgão sucessivo e assimétrico das alteridades que a trespassam.

Pensar o mundo como *desclausura*<sup>24</sup>, colocá-lo na pluralizada errância que o abre, espaça, exterioriza... reflecte a radicalidade do pensamento de Nancy, no que afirma como «desmontagem e desemparelhamento [désassemblage] do fechado, dos enclaves, das clausuras»<sup>25</sup>. O acontecer do mundo, no mundo, reclama um exterior irreduzível que, sem pretensão de qualquer além-mundo metafísico ou teológico, não se dá à presença em totalidade, mas cruza e atravessa, espaça-se, inscreve-se como sentido dos sentidos do mundo. Na contra-assinatura inventiva de Wittgenstein do *Tractatus* – «O sentido do mundo tem que estar fora do mundo»<sup>26</sup> –, um mundo cuja experiência se faz como exterioridade sem presentificação, no que Nancy chega a designar por «transimanência»<sup>27</sup>. Dar lugar a uma exterioridade irreduzível, fora do mundo *no* mundo, marca a transimanência do sentido, obrigando,

---

silenciando assimetrias e desigualdades, que contribui para produzir, funcionando no avesso de uma apenas aparente transparência tele-tecnológica. Por outro lado, reclama-se uma mundialização em que uma partilha democratizadora esteja em questão, no que potencialmente se dá como pluralização discursiva e (contra-)institucional em abordagens de resistência alter-mundialistas. Cf. Jacques Derrida e Jürgen Habermas, *Le «Concept» du 11 Septembre* (Paris: Galilée, 2003), 179-183. A paradoxalidade desta mundialização, no seu carácter evidentemente dúplice, problematiza-se também na *forma* de uma coexistência de singulares como resposta justa ao singular-plural que a palavra «mundialização» convoca, e do qual não pode abdicar. Cf. J-L Nancy, *La Création du Monde ou la mondialisation* Paris : Galilée, 2002), 72-73.

<sup>21</sup> J-L Nancy, *La Création du Monde*, 145.

<sup>22</sup> J-L Nancy, «O peso da nossa história», trad. Fernanda Bernardo, *Chão da Feira* 41 (2015), 2, acessado em 27 de Março de 2016. <http://chaodafeira.com/cadernos/o-peso-da-nossa-historia/>

<sup>23</sup> J-L Nancy, *La Création du Monde*, 173.

<sup>24</sup> *Desclausura*, assumindo-se a inflexão nancyana de desconstrução *como exterioridade no interior do mundo*. Uma desclausura que, transportando o Outro (como *alienus*, *allos*, que não apenas *alter*), faz-se abertura, escape ou incisão da clausura da metafísica, num espaçamento que singulariza o idioma filosófico de Nancy, bem como a *sua* desconstrução. Cf. J-L Nancy, *La Déclousion (Déconstruction du Christianisme, 1)*, 15-25.

<sup>25</sup> J-L Nancy, *La Déclousion (Déconstruction du christianisme, 1)*, 230.

<sup>26</sup> Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico/ Investigações Filosóficas*, 6.41, trad. de M.S. Lourenço (Lisboa: F. Calouste Gulbenkian, 1995, 138).

<sup>27</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 91.

no coração do pensar que o questiona, a uma *alteração interminável de estilo*<sup>28</sup>. Tal derivação constitui-se como marca idiomática da desconstrução de Nancy, na tentativa de sustentar diferentemente (*e com que intrepidez!*, dirá Derrida) o sentido, os sentidos ou *uma différance* – essa, assumida por Nancy na sua escrita – como alma da incoincidência do sentido<sup>29</sup>. Tal *fazer* sentido, que tece a diferença entre Derrida e Nancy<sup>30</sup> – como também espelha a originalidade do pensamento do sentido em Nancy –, mas que nimba a palavra nancyana quanto ao político como instância do comum da comunidade – essa que, em vez de se projetar como corpo único ou como unidade isomórfica, releva a multiplicidade não unificável do sentido. O sentido é mais do que um, mais do que *o Um*, sem sentido fora da «singularidade numerosa de outros tantos «sujeitos de sentido»»<sup>31</sup>. Soergue-se contra a permanência de uma autoridade una, na unidade totalizadora que sustenta a autoridade, bem vincada a partir da tradição sob o nome de «o capital e o bem, assim como o pai, o chefe, o rei, o soberano, dito de outra maneira também o homem [...], o ser humano masculino»<sup>32</sup>, como em todas as figuras ou personas alimentadas pelo modelo onto-teo-lógico de soberania.

A fuga ao sentido tomado como orientação, como *telos*, como valor atribuído... reenuncia (ou melhor, *reanuncia*) o sentido como ausência sem privação<sup>33</sup>, isto é, enquanto experiência da/na abertura do existir, desde fora do mundo e no mundo, ex-posto no mundo como exposição vulnerável ao outro bordo do mundo. Em relação e como relação, no elemento «com» que o singulariza insubstituívelmente, mas que o pluraliza na exposição ao outro.

Porque o sentido partilha-se. Remete-se então para a pluralidade dos sentidos, em todos os sentidos do sentido, inclusive do seu ausentamento, no que não poderá deixar de ser uma ampla e conseqüente releitura. Em Nancy, escutando-se o idioma que entendemos como singularizador do seu gesto na

<sup>28</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 94.

<sup>29</sup> Cf. J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 225.

<sup>30</sup> Uma diferença marcada na partilha de dois percursos de pensamento, cujo toque sem assimilação reclama espaços e distâncias. Nomeadamente na palavra ‘Sentido’, um dos «gros mots» de Derrida: «La différence, c’est que je n’ai jamais pu ni osé toucher à ces dessins, fût-ce pour en parler un peu, alors que les gros mots que je viens de nommer (esprit, âme, corps, sens, le sens, les sens, les sens du mot «sens», le monde, etc.) je rêve qu’une statistique me révèle un jour combien de fois je m’en suis servi, publiquement, sans confesser que non seulement je n’étais pas sûr de leur sens *exact* [...] mais j’étais à peu près sûr que c’était le cas pour tout le monde – et de plus en plus pour ceux qui me lisent ou m’écotent.» J. Derrida, *Le Toucher – Jean-Luc Nancy*, 17. Itálico do autor.

<sup>31</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 147.

<sup>32</sup> Christina de Peretti e Delmiro Rocha, «Dès ses premiers textes», *Lignes* 47 (2015), 206.

<sup>33</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 57.

desconstrução, fala-se da *excrita*<sup>34</sup> como experiência do «tocar no concreto do mundo, onde a existência faz *sentido*»<sup>35</sup>; e onde faz sentido, justamente, repensar todas as instâncias em que o excesso deste sentido se domesticou numa certa economia disciplinar, sendo a questão política uma das formas evidentes desta domesticação. Tratar-se-á, então, de permitir um certo recuo pensativo perante alguns motes da tradição, onde política, ontologia, ser-aí ou ser-em-comum... se enovelam na economia do conceito, sendo necessário escutar de outra maneira o seu itinerário, bem como o seu desvio.

Ensaia-se um recuo suspensivo da própria energia do questionamento, na sua inspiração ontológica, num refluxo perante os desígnios da ciência, da instituição dos saberes e do reduto do sujeito. Um recuo assente na invisibilidade que, do lado de lá da fronteira em que se delimitou o *logos*, a norma como sentença do tribunal da razão ou o tempo histórico como linha de continuidade, afirma afinal a *co-existência* de singularidades como eixo da interrogação que expõe o político ao que o excede enquanto tal. A democracia, enquanto afirmação do viver em conjunto, não é uma modalização da política. Exige, antes, um retraimento (que não uma abolição) da política, ao devolver ao mundo o desígnio de se inventar como coexistência do/no mundo. Fora do horizonte referencial do cosmos, fora das ordens de representação e das *ideias reguladoras*, fora, enfim, da circularidade teológico-política que vem norteando a tradição do pensamento social, está em causa a afirmação inventiva de toda uma outra acepção de política<sup>36</sup>.

Tal como, em discussão leitora com Blanchot e Bataille, Nancy já advogava em *La communauté désœuvrée*, uma comunidade afirma-se como *partilha* [partage], nunca renunciando à singularidade de cada ser que a constitui, o que a contrapõe à construção comunitária como fusão totalizadora<sup>37</sup>. Na verdade, a alteridade em obra na relação que atravessa a comunidade é partilha, mas também parcela – *partes extra partes*<sup>38</sup> – como rastro da assimetria e de não equivalência; em toda a relação, em toda a *relação justa*. A partilha desenha-se na deslocação inquieta entre seres que se não equiparam, antes *expondo* o espaçamento – ou distância – entre singular e singular,

---

<sup>34</sup> A *excrita* que, como em *Corpus* se desenvolve, é o sintagma de Nancy para o que mal se recolhe na palavra «escrita»: Endereçamento da escrita ao exterior, ao outro bordo. Cf. J-L Nancy, *Corpus*, trad. de Tomás Maia (Lisboa: Vega, 2000), 85.

<sup>35</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 29.

<sup>36</sup> Cf. Jean-Luc Nancy, *La Pensée Dérobée* (Paris : Galilée, 2001), 143-146.

<sup>37</sup> J-L Nancy, *La Communauté Désœuvrée* (Mesnil-sur-l'Estrée: Christian Bourgois, 1999), 64.

<sup>38</sup> Escreve Nancy, assim acentuando a partilha como in-finito impossível: «Partes extra partes: o que é impenetrável, aqui, não é a espessura maciça da *pars*, mas antes o afastamento do *extra*.» J-L Nancy, *Corpus*, 28.

de um a outro: «eles são definidos e expostos pela sua des-locação»<sup>39</sup>. A comunidade, em Nancy, corporiza o elemento «com» como elemento principal do «comum» – sem pleno poder e sem plena presença<sup>40</sup> – o que, como aditará no prefácio de reedição de *Être singulier pluriel*, se afigura mais «como categoria espaço-mecânica do que como indicação de uma proximidade»<sup>41</sup>. A fuga ou derivação da ontologia inscreve-se na dimensão incapaz – ainda que espacialmente marcada – deste «com», elemento relacional que nos diz, afirmativamente, que o Ser se rasura enquanto «condição», para se afirmar como *acto, acção* – «de vir ao mundo e do mundo»<sup>42</sup>.

Recuo inventivo do político, necessariamente. Mas também forma outra de pensar a configuração da própria *acção* como de todo o *fazer*, já recusando e ultrapassando a tradicional dicotomia entre pensamento e acção, entre teoria e prática. Lembremos, com Nancy, que a necessária ultrapassagem da cristalização unidentitária, como a crítica à igualdade enquanto equivalência simétrica corresponde a um gesto de pensamento como acto, recusando obediência à substancialidade de um ser<sup>43</sup>. A transimanência, correspondendo à assimetria na circulação do sentido, evoca e reclama *uma acção*, que não uma qualidade ou substância<sup>44</sup>. Torna-se necessário interrogar, diferentemente, os sentidos inesgotáveis de um *fazer*, fora da confrontação dual em que pensamento-acção se posicionaram no fio da tradição.

### Sentidos de um fazer: A «lama do compromisso»?

Entrevistado pelo intelectual Japonês Shoichi Matsuba, Nancy sublinha a problematidade envolvida na questão ‘*que faire?*’, no instante preciso em que esta lhe é colocada, mas também no reconhecimento da sua dimensão inadiável. É esse mesmo reconhecimento que, colocado fora da ordem dos poderes do estado e da democracia como regulação, coloca o pensamento no centro mais consequente da questão ‘que fazer?’:

«Pour nous, qui ne sommes pas au pouvoir des entreprises ou des Etats, ce qu’il faut faire, c’est peut-être essayer de penser cet état explosif du monde entier, qui montre la fin d’une civilisation. Mais il faut penser sans prévoir.»<sup>45</sup>

<sup>39</sup> J-L Nancy, *La Communauté Désœuvrée*, 65.

<sup>40</sup> Cf. J-L Nancy, *La Communauté Affrontée* (Paris: Galilée, 2001), 18.

<sup>41</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 6.

<sup>42</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 8.

<sup>43</sup> J-L Nancy, «Le sens commun», 11.

<sup>44</sup> Cf. J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 175.

<sup>45</sup> Jean-Luc Nancy, «Entretien avec Soichi Matsuba sur les attentats de Paris», in «Mediapart», consultado em 24 de Março de 2016. <https://blogs.mediapart.fr/jerome-lebre/blog/061215/jean-luc-nancy-entretien-avec-shoichi-matsuba-sur-les-attentats-de-paris>

Antes de qualquer deliberação, movida por essa «espécie de arqui-decisão», a política que falta move-se agora pelo reconhecimento do modo como a sua história – a história da centralidade de uma *polis*, da decisão de um sujeito autónomo e soberano – se vem pontuando pelo que deveio a religião civil da República, parcial alternativa a uma soberania metafisicamente sustentada e onto-teologicamente urdida, mas hoje (*cruel ironia!*) subjugada ao pretensu apolitismo dos poderes económicos e financeiros. A crítica necessária a esta concepção de política enquanto regime de poder passa pela suspensão de todo um léxico em que discurso e pensamento político recorrentemente se enleiam, definidos como gestão económica da totalidade da relação entre seres. O retraimento/ retraçagem do político suspende o ímpeto colonizador da palavra ‘política’, devolvendo-lhe o inassinalável desígnio do «viver juntos» como (im)possibilidade sem síntese. Uma política atenta e aberta ao que a excede e lhe dita reinvenção e «à sua própria «impossibilidade», quer dizer, a uma realidade de direito infinita – amor, arte, justiça, pensamento...»<sup>46</sup>

É nesta condição que se deve reposicionar o tom – partilhado de Derrida a Nancy – de um *compromisso*, atravessado pela incondicionalidade da resistência ou pela resistência enquanto incondicionalidade, à distância da «lama dos compromissos»<sup>47</sup>, recusada nas palavras veementes de Bataille. Um compromisso tantas vezes obrigado a um certo silêncio<sup>48</sup>, na não fenomenalidade que é a sua lei, sendo essa mesma afenomenalidade o traço da sua resistência, na «reelaboração radical do conceito de política»<sup>49</sup> como da intervenção, na dívida hiper-responsável ao que Derrida, desta vez sem Nancy<sup>50</sup>, coloca no centro da acção de todo o (re)fazer político: a democra-

---

<sup>46</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», in: *Endereçamentos. Saudando Jean-Luc Nancy em Coimbra/ Adresses. Saluant Jean-Luc Nancy à Coimbra*, org. Fernanda Bernardo (Coimbra: Palimage, 2014) 35.

<sup>47</sup> Cit. J-L Nancy, «Política e/ou Política», 41.

<sup>48</sup> J. Derrida, *Politique et Amitié. Entretiens avec Michael Sprinker sur Marx et Althusser* (Paris: Galilée, 2011) 47.

<sup>49</sup> J. Derrida, *Politique et Amitié*, 80.

<sup>50</sup> A desconfiança de Nancy para com o filosofema derridiano «Democracia porvir», pondo em questão um debate próximo estabelecido ao longo de toda uma vida de pensamento, exprime uma diferença subtil mas decisiva: «comment ce que je dis se distingue de la «démocratie à venir» de Derrida? Très peu et nettement pourtant. Très peu car je pense qu’une «démocratie» entendue comme régime politique, et que Derrida, à travers de motif de l’«amitié», introduisait quelque chose qui... oserais-je dire «transcende»? – la politique. Nettement pourtant car je préfère ne pas étendre ou projeter le sens de «démocratie» hors de son acception politique, et dire plutôt: si on adopte la démocratie (politique), on engage autre chose, quelque chose qui ne peut être assumé par la politique.» J-L Nancy, «Le désir des formes», *Europe* 960 (2009), 215.

cia porvir. *Que fazer?* Sem abdicar de todo da questão ‘que fazer?’, importa sublinhar o quão diversamente se sustenta este *fazer*, na firmeza da sua urgência mas, também, no refrear da sua pressa recorrente.

Assim o reconhece Derrida. Uma questão de ritmo, de ressonância, atravessa a pergunta – *que fazer?* – desarticulando-a e interrompendo-a, furtando-a uma vez mais à *lama do compromisso* na sua necessária desconstrução, ainda que guardando e resguardando o *compromisso* como palavra necessária mediante uma necessária derivação de tom, de postura e de apelo do «pensamento», da «poesia», da «literatura»<sup>51</sup>. Um compromisso vivificando a questão «que fazer?» através do rompimento com qualquer previsão presciente, bem vincada na velha aliança entre o poder, o ver e o saber<sup>52</sup>. Reengendrar a questão ‘que fazer?’, em toda a sua urgência, reclama pensar o acontecimento inaugural *do que vem* como interrupção de qualquer fio de previsão ou de estabilidade: a vinda do outro como impossível, diferença indomesticável e afirmação da estranheza inalcançável do outro. A vinda do outro dita à questão ‘que fazer?’ a obrigação de repe(n)sar a própria revolução, revolucionando a revolução enquanto herança e conceito<sup>53</sup>.

Como alerta Nancy, por seu turno, a questão muda sucessivamente o cenário do seu surgimento, sendo certo, todavia, o seu surdo protagonismo ou discreta constância em sede filosófica, num sentido frequentemente mais do que político, no momento em que várias eras do mundo apagam ou reconstróem coordenadas, determinações e modos do agir. A pergunta ‘que fazer?’, neste sentido, logra obedecer a um apelo do pensamento, instado a pensar desde logo o que ‘fazer’ significa<sup>54</sup>. Uma questão – *que fazer?* – não apenas lançada às inadiáveis emergências do mundo, mas também suspensa dos sentidos de um ‘fazer’, que importa retomar e reclamar no pensamento que o não dê por adquirido: uma interrogação retomada para lá dos cansados dualismos teoria-prática<sup>55</sup> (hoje cegamente restabelecidos de forma despojada de qualquer filosofia, *qualquer que seja* a sua inspiração ou sageza), para lá do reduto dos meios ou das finalidades, além do *telos*

<sup>51</sup> J.Derrida, «*«Il courait mort»*: Salut, salut. Notes pour un courrier aux Temps Modernes», *Les Temps Modernes* 587 (1996), 40-43.

<sup>52</sup> Cf. J. Derrida, , «Penser ce qui vient», 28.

<sup>53</sup> J. Derrida, , «Penser ce qui vient», 54-62.

<sup>54</sup> J-L Nancy, «Que faire?», in: *Appels de Jacques Derrida*, org. Danielle Cohen-Levinas et Ginette Michaud (Paris: Ed. Hermann, 2014), 75-76.

<sup>55</sup> A profundidade de uma cisão e de uma ligação profundamente pensável na sua herança, nas suas inflexões e na urgência da sua leitura. Derrida dedicou um seminário, ainda inédito, à questão teoria-prática, lido por Nancy, no texto em questão, à luz da infidelidade de um «il faut le faire.» Cf. J-L Nancy, «Que faire?», 87-88.

do projeto ou da militância taticista<sup>56</sup>. Um fazer sugerido na aliança entre *fazer e pensar*<sup>57</sup>, ante o improgramável de um evento, de uma alteridade, de um lá além sem horizonte que provoca e convoca a injunção do pensar/agir democrático, mas também po(i)ético, mas também artístico. Excedendo o fazer programável ou programático, rebelde à exigência panfletária ou a eficácia taticista, trata-se de salvaguardar o desígnio do ‘fazer’ de um mundo, de todo um *outro* mundo dizendo-se no gesto inventivo lançado à aventura de um fazer-outro, de toda uma outra maneira. O fazer, escreve Nancy, *permanece por fazer*<sup>58</sup>.

Não há, por isso, compromisso responsável que não seja desmedido, engendrado para lá de qualquer instância normativa, do horizonte de qualquer programa ou preceito prévio de responsabilidade. Todo ele, na verdade, corresponde de modo impossível à imensurável finitude (à infinuição) de cada ser finito, o que abre e expõe a imensidão de um outro pensamento da responsabilidade na inequivalência da relação entre seres. Uma inequivalência subjacente à relação heteronómica [rapport], aqui distinta da relação configurada como horizontalidade autonómica [relation]<sup>59</sup>, e solicitando, por isso, um compromisso à sua altura.

Medita-se uma outra *prática*, errante destinação ou *sentido outro*, no traçar de um engajamento movido, desta vez e de uma só vez, pela estrutura aporética que atravessa declaradamente este registo de pensamento: a inscrição do impossível no coração do possível, do exterior do mundo no mundo e no fazer-se do mundo, «na vinda, de cada vez uma, de cada presença no mundo»<sup>60</sup>.

## 2. Exorbitâncias: a passo de gato

Tocado pelo intocável do mundo, sabendo-se quanto o mundo se *expõe* como extensão deste intocável, o pensamento de Nancy é um pensamento da exterioridade pontuado, interrompido, pela percussão desse exterior. O «ex-», elemento gráfico de uma distância inscrita e precedente a todo o corpo da palavra, indicia a visitação desse exterior do mundo no mundo, que o diz e atravessa, impedindo-o de se configurar nos moldes de unidade de um universo, conceito ou compreensão. Ora, exposto integralmente ao outro, o regime de exorbitâncias que é o pensamento do comum em Nancy tem

---

<sup>56</sup> J-L Nancy, «Que faire?», 83.

<sup>57</sup> Jacques Derrida, «Penser ce qui vient», 50.

<sup>58</sup> J-L Nancy, «Que faire?», 91.

<sup>59</sup> J-L Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo,2)*, 10.

<sup>60</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 33.

a linguagem por elemento e morada. O endereçamento infinito, linguagem tocante e não apropriante, é ele mesmo a circulação de um excesso, de uma alteridade sem alcance. Nas palavras de Nancy, uma alteridade inominável, inalcançável: «indica-se em excesso sobre qualquer nome»; «forma a juntura e a junção das nossas palavras, a possibilidade infinita de sentido»<sup>61</sup>.

A sílaba «ex-», presente como indicio espacioso de abertura por tantos traços de escrita em Nancy, reclama a inscrição desse excesso e desse exterior como *inquietação da sua escrita*<sup>62</sup>. A sua escrita, tantas vezes imersa na aporeticidade de um duplo movimento, dito por Derrida como «*exactamente excessivo e rigorosamente paroxístico*»<sup>63</sup>. Nestas palavras, Derrida persegue a escrita *hiperbólica* de Nancy, confrontando-a com Levinas – ainda que notando a inusitada desatenção de Nancy para com Levinas – pela partilha de uma certa *exorbitância* de timbre face ao onto-lógico<sup>64</sup>. Mas *exorbitância* transporta também, seja repetida no fraseado de Levinas seja delineando um estilo em Nancy, uma forma de deriva ou um novo ponto de partida. No caso, falando de *Être singulier pluriel*, uma derivação do *cum*, do *com*, do *ser-se com* e do espaçamento quiasmático que imprime em todo o *ser-com*, nessa procura outra por todo um outro *com*<sup>65</sup>. Pelo que também o ser aqui se exorbita, como reconhece Nancy no acto de revisitação de *Être singulier pluriel*, em reedição recente, ao sublinhar uma insistência em «ser», mas já não como substantivo, sujeito que está à locomoção do pensamento que o transporta como verbo. Ser-se no mundo sendo-se mundo, na infinita pluralização do ser<sup>66</sup>. Assume-se uma *exorbitância*, uma ausência de órbita ou um ruído de gravitação.

*Exorbitância* diz, de uma vez só, um movimento de saída face, ou em face, de uma energia de junção ou de centramento. Exorbitante é também palavra excessiva, detida recorrentemente no nome ‘Deus’, interrogado como «testa-de-ferro de um puro excesso – vão, de facto, *exorbitante*, de facto – do mundo e da existência relativamente a si-mesmos, em si-mesmos?»<sup>67</sup>, o que significa uma abertura do mundo e no mundo, de *par em par*, *transcendente na própria imanência*<sup>68</sup>.

Exorbitância, também, como possível retirada/ retraçagem do ontológico em si mesmo... A órbita de *Être singulier pluriel* põe em questão uma certa

<sup>61</sup> J-L Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo,2)*, 17.

<sup>62</sup> J. Derrida, *Le toucher – Jean-Luc Nancy*, 39-40.

<sup>63</sup> J. Derrida, *Le toucher – Jean-Luc Nancy*, 95.

<sup>64</sup> J. Derrida, *Le toucher – Jean-Luc Nancy*, 96.

<sup>65</sup> J. Derrida, *Le toucher – Jean-Luc Nancy*, 225.

<sup>66</sup> Cf. J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 7.

<sup>67</sup> J-L Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo,2)*, 39. Itálico nosso.

<sup>68</sup> J-L Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo,2)*, 41.

retirada/retraçagem [retrait] ontológica, com a ligação relacional do *vivermos juntos* como fulcro. E retraça-se exorbitando, sublinhando a importância do movimento exteriorizador «Ex-» no léxico de Nancy como projecção permanente e suspensiva para o exterior. Tudo é passagem para o exterior, ou produção ex nihilo das condições de passagem para esse exterior. Daí que a «partilha/partição [partage] entre exterior e interior»<sup>69</sup> se manifeste, se exteriorize, impedindo o dualismo clássico em que este par se nos apresenta. Fundamental, este registo de desclausura [déclosion]: «nós estamos fora de nós, essencialmente»<sup>70</sup>. A importância, neste contexto, do elemento latino «cum» afirma o diferimento como habitação (poética) do mundo<sup>71</sup>, numa alteridade cujo acontecer é sempre sem cálculo.

Essa ausência de cálculo orienta-se para o invisível, para o imprevisível do que se não vê e que ex-cede a visão dominante, como um gato que de súbito se interpõe entre nós e a escrita. Pode ser, de súbito, algo que não parece pertencer ao rumo estabilizado das coisas, surgindo como uma espécie de dissonância interrogativa e eternamente insolente: um gato, interrompendo o enquadramento *a passo de gato*. Ele surge, ainda que aparentemente sem solicitação ou chamada. Surge numa lógica de circulação e de passagem: «un chat blanc et roux traverse le jardin»<sup>72</sup>. Como no poema de Manuel António Pina, um gato duplo ou incoincidente, que «não cabe/ dentro nem fora de si»<sup>73</sup>, na felina duplicidade, apenas fiel a tantos outros gatos incoincidentes da literatura – a rebeldia inapropriável de algo que exorbita, como se excedesse o próprio livro onde imprime a marca do seu passo de gato. Num único instante.

O instante como interrupção, esse, que não detenho, cadência e desloca, no sentido mais desestabilizador e mais aberto, deslocando o pensamento à passagem, a passo de gato, desde fora e para fora, deslocando hipoteticamente a sombra da propriedade que falsifica, que falseia no avesso da soberania. Na herança de Nietzsche, o instante repete-se como permanente deslocação iterativa e rebelde, porque nunca coincidente e sempre de passagem. Transporta, esse instante, o pensamento *sentinte* e *sensível* que passa sem programa, desconhecendo propriedade ou delimitação geo-territorial. Nancy abre parêntesis e nós sublinhamos:

---

<sup>69</sup> Ginette Michaud, *Cosa Volante. Le désir des arts dans la pensée de Jean-Luc Nancy* (Paris: Hermann, 2013), 30.

<sup>70</sup> Cit Ginette Michaud, *Cosa Volante*, 36.

<sup>71</sup> J-L Nancy, *Résistance de la poésie* (Bordeaux: William Blake & Co., 2004), 9.

<sup>72</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 22.

<sup>73</sup> Manuel António Pina, «O segundo gato». *Todas as palavras. Poesia reunida* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2012), 325.

«(Comme, à l'instant où j'écris, un chat blanc et roux traverse le jardin, emportant ma pensée avec la sienne, d'un glissement moqueur.)»<sup>74</sup>

Adquire direitos de cidade este gato rebelde, como o próprio instante que ocupou. Circula, sem linearidade ou, como a linha «l'infini en acte de rapport»<sup>75</sup> que nos liga e aparta radicalmente, fora de individualismo ou universalismo, enquanto singular-plural. Redesenhando o Ocidente, numa outra linha, o par singular-plural já não se explica na ordem da oposição, saindo do registo binário que estrutura o pensamento ocidental<sup>76</sup>. Já em *O Peso de um pensamento*:

«Porque o mundo, o aberto, o grande espaçamento, sou eu, é a minha extensão, a minha dilatação, o meu afastamento. É a minha partida e a minha chegada. É a minha ida-e-vinda, é a minha aproximação, é o que se aproxima de mim»<sup>77</sup>.

Ora a tangente literatura/filosofia, para lá da retórica convencional da repetida «interdisciplinaridade», magnetiza aqui a nossa atenção. O «ex-», da escrita em Nancy, no modo como reequaciona a filosofia e os modos da sua produção, desinstitui as ordens dos discursos *em nome de uma outra coisa*. O exterior que se diz aqui desafia a circularidade disciplinar da filosofia<sup>78</sup>, num pensamento que igualmente se exorbita da própria instituição «literatura». É a ex-crita na escrita de Nancy. Essa, que se interrompe na cadência hölderliniana, de acordo com a qual «[...] nul ne porte seul la vie». No entanto, «nada nem ninguém responde mais à nossa palavra»<sup>79</sup>. Ninguém; nada – estamos sós e iguais uns com os outros, nem uns nem sem outros.

«[...] nul ne porte seul la vie». O verso de Hölderlin abre e atravessa *Être singulier pluriel*, cumprindo um anunciado desígnio de *endereço*.

Um endereço que, distinto de interpelação ou de simples e plana orientação da palavra, não se deixa enquadrar na história da filosofia. Ele sai de enquadramento, transgride a circularidade do conceito e a delimitação das fronteiras. Ele foge do horizonte em perspectiva no passo da sua destinação, da sua *destinerrância*. O *endereço* transporta o indício do Outro, como se transportasse, em surdina, o peso existencial da palavra de Hölderlin, mas

<sup>74</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 22.

<sup>75</sup> Jean-Christophe Bailly, «La venue, Jean-Luc Nancy», *Europe* 960 (2009), 294

<sup>76</sup> J-L Nancy, *La possibilité d'un monde. Dialogue avec Pierre-Philippe Jandin* (Paris: Les dialogues des petits Platons, 2013), 44-45.

<sup>77</sup> J-L Nancy, «A aproximação», in: *O peso de um pensamento. A aproximação*, op cit., 131

<sup>78</sup> Cf. Ginette Michaud, *Cosa Volante*, 40.

<sup>79</sup> J-L Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo, 2)*, 18.

trazendo também, na abertura do seu acontecer, a ausência de mapa ou de mira, a impossibilidade de um *telos* determinado: o Outro evidencia a relação arqui-originária entre uns e outros, obrigando à modalidade do *com* como questão protagonista no labor relacional de um pensamento. Pensar, identificado com o Adorar – acenando à *destinerrância* de Derrida<sup>80</sup> – é o endereçamento amoroso e não garantido do *gesto* que toca no desconhecido, tocando a morada colectiva desse desconhecido. Esse frontispício hölderliano, não esqueçamos, convoca uma dimensão existencial à impossibilidade desse estar-se só, como se nessa impossibilidade vivesse, ao mesmo tempo, uma espécie de provação apenas experienciável de forma solitária, de modo singular: *só singularmente sou plural*, eis a verdade verdadeiramente partilhável. A contiguidade marca um *sentido* que apenas existe se partilhável, sendo, ele próprio, *partilha* – «Le sens est lui-même le partage de l'être»<sup>81</sup>. Toda a textura ontológica, excedida e precedida num «nós» anterior<sup>82</sup>, se reconstitui.

### Co-Existências

«Nul ne porte seul la vie». A exposição ao outro, no resguardo de qualquer apropriação conceptual ou reificação identitária, coloca a relação como problema: somos, uns perante os outros, em conjunto com os outros, em confrontação ou desejo – em confrontação *como* desejo – mas somos «singulier sujet pluriel pour dire la coexistence des étants dans le monde»<sup>83</sup>. A «disconjunção»<sup>84</sup> mantém-se num irresoluto singular-plural, mostrando a contiguidade da presença que é, na leitura de Derrida, o apelo de duas ordens contraditórias. Contacto e não contacto, tocar o limite do toque, tocar como não tocar ou tocar o intocável<sup>85</sup> são enunciados simultâneos, repetidos e intermitentes. E são, na força da sua dissidência, rasgões decisivos no desenho de um Ocidente que expiou o corpo, mesmo quando cuidou retomá-lo – o corpo re-tocado, no momento em que a urgência da desconstrução impende sobre a inexactidão de todo um léxico, solicitando a errância sem regresso de uma ex-crita<sup>86</sup>.

Não esqueçamos, falamos de política. É ela que, aqui, *mais nos importa*<sup>87</sup>. É o abalo fundamental a que está sujeita, esta política «em deslocação,

<sup>80</sup> Cf. J-L Nancy, *A Adoração (Desconstrução do Cristianismo,2)*, 33.

<sup>81</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 20.

<sup>82</sup> J-L Nancy, «Cum», in: *La Pensée Dérobée* (Paris : Galilée, 2001), 115-116.

<sup>83</sup> J-L Nancy, «Cum», 119.

<sup>84</sup> J-L Nancy, *O Peso de um Pensamento*, 9.

<sup>85</sup> J. Derrida, *Le Toucher, Jean-Luc Nancy*, 82-83.

<sup>86</sup> Cf. Fernanda Bernardo, «Expeausition's. La pensée du corps ou la passion d'une «peau d'écriture» chez Jean-Luc Nancy», *Revista Filosófica de Coimbra*, 45 (2014), 20-21.

<sup>87</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», *op. cit.*, 25; Cf. J. Derrida, *Séminaire La Bête et le Souverain, II (2002-2003)*, (Paris : Galilée, 2010), 335.

em deportação, em desconstrução»<sup>88</sup> que problematiza o sublinhado da nota nancyana:

«Il faut réécrire *Sein und Zeit*: ce n'est pas une prétention ridicule, et ce n'est pas «la mienne», c'est la nécessité des oeuvres majeures, en tant qu'elles sont nôtres. À cette nécessité appartient aussi, on le devine sans peine, l'enjeu d'une réécriture politique»<sup>89</sup>

Mas, em vez de dar por adquirida a solidez dessa intenção, de resto sobejamente repetida e ensaiada ao longo da escrita de Nancy, não será tempo de interrogar o registo de uma escrita política desdobrada em reescrita heideggeriana? Não será tempo de interrogar a escrita política ainda como *excrita*?

Porque, sublinhe-se, a política não é um elemento de fusão<sup>90</sup>, pelo que chama a si produções de sentido sem que com estas se confunda. A política atravessa, aflora, dando possibilidade de afirmação a todas as formas do viver juntos<sup>91</sup>. *Sociação* em vez de associação, estamos perante uma co-presença, feixe contíguo «plutôt que conjoint, réuni, assorti ou associé»<sup>92</sup>. Temos que, enquanto «gesto para tocar o sentido»<sup>93</sup>, relação, endereçamento ou *excrita*, toda a escrita é de certa maneira política. Como escreve Nancy:

«L'écriture est ainsi politique «par essence», c'est-à-dire à la mesure même de ce qu'elle est le frayage du sans-essence du rapport»<sup>94</sup>

Repitamos: não se trata de qualquer fusão, nem sequer de um convencional compromisso literário, nem mesmo «princípio de estetização da política», nem sequer a sua inversão em «politização da estética»<sup>95</sup>, mas a força de exteriorização de um «Ex-».

A força do elemento 'Ex-', traçando uma remissão ao exterior que não cessa de vir nem de passar, convoca o modo como, no idioma de Nancy, se ultrapassa o dualismo interior-exterior. (Nem) exterior- (nem) interior,

<sup>88</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», 19.

<sup>89</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 118.

<sup>90</sup> J-L Nancy, «Politique tout court et très au-delà», in: Ginette Michaud, *Cosa Volante*, op. cit., 340-341.

<sup>91</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», 33.

<sup>92</sup> Aurélien Barrau et Jean-Luc Nancy, *Dans quels mondes vivons-nous?* (Paris: Galilée, 2011), 90.

<sup>93</sup> J-L Nancy, *Corpus*, 18.

<sup>94</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 184.

<sup>95</sup> «Elle [l'écriture] ne l'est pas par l'effet d'un «engagement» au service d'une cause, elle ne l'est pas – en tant que «littérature» selon un principe de l'esthétisation de la politique», et pas plus selon son inversion en «politisation de l'esthétique.» J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 184.

a ex-cedência da sua escrita diz uma projecção permanente, suspensiva e desejanse para o Outro, invasor (e possibilitador) da própria intimidade<sup>96</sup>. O sentido, no alcance nancyano da palavra, é circulação e partilha/partição, endereçamento permanente e in-finito em que o «com» indicia uma coexistência como palco, abertura e circulação de todos os sentidos do sentido. «Cum» é o elemento latino que, retomado da leitura nancyana de Heidegger, afirma o diferimento como habitação (criadora) do mundo. Ele regista uma condição de proximidade sem fusão, que excede a política, mas que lhe dita a exigência de ser «forma e visibilidade da possibilidade do viver juntos»<sup>97</sup>, numa errância, cadência ou deslocação, aí, onde a política interpela a possibilidade de um «Nós», e como proximidade e como dissensão.

A circulação do sentido habita todos os sentidos de ‘Nós’, na junção e partição que aí se afirma. O sentido expõe-se, herdando, disseminando e (re) produzindo o novo a cada instante, numa cadência cujo ritmo se retoma na releitura do Eterno Retorno em Nietzsche: uma cadência produzida novamente a cada repetição (re-petito), sentido incapturável a cada passagem como indeterminação navegando para o incerto. Esta cadência, que é uma cadência de escrita e que se deixa dizer no incristalizável movimento que toda a escrita é, não vem sem desafio, sem transgressão, como o gato que subitamente se atravessa na escrita de Nancy, aí introduzindo sub-repticiamente a sua pegada. A subtileza elegante de um passo de gato, marcada entre parêntesis em *Être singulier pluriel*<sup>98</sup>, traz ao pensamento a abertura do instante e o seu poder de interrupção, na cadência permanentemente deslocada em que, iterativamente, se enuncia a questão do Eterno Retorno.

Trata-se de uma resistência rebelde e irredutível a todas as formas de clausura, de estrangulamento ou de totalização de sentido. Uma resistência exigente e afirmativa: «resistência à clausura dos mundos no mundo tanto como à dos além-mundos, abertura a cada instante deste mundo»<sup>99</sup>. A escrita é a instância de resistência, justamente por ser preciso que «as identidades se escrevam»<sup>100</sup>.

O reduto é o transbordo, o excesso, a transgressão política mesmo na sua territorialidade aparente: a arte, mas também a comunidade, recentemente revisitada, e que «excede por todas as partes a política»<sup>101</sup>. A proximidade

---

<sup>96</sup> Federico Ferrari et Jean-Luc Nancy, *Nus sommes. La peau des images* (Bruxelles : Klincksieck, 2006), 138

<sup>97</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», 33.

<sup>98</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 22.

<sup>99</sup> «[...] résistance à la clôture des mondes dans le monde autant qu’à celle des autres mondes, fraying à chaque instant de ce monde-ci.» J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 185.

<sup>100</sup> J-L Nancy, *Le Sens du Monde*, 188.

<sup>101</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», 29.

do outro, dos outros, todo o processo de proximidade excede – transborda –, uma vez mais repercute ou cadencia, passando a salto, os limites do conceito. O comum, é claro, não é uma substância, mas uma abertura. A infinição como particularidade do finito, como próprio de uma singularidade exposta a outras singularidades, é mais da ordem do choque do que da harmonia, ou salto sobre a definição nuclear. Passando a salto, que é também passo de gato.

### 3. Cadenciando a escrita: a voz no ouvido

Talvez seja altura para nós mesmos abriremos um parêntesis.

Este gato, atrevido na sua passagem, será ele visível, audível, visível e audível, nem uma coisa nem outra? Como se nos dá a sua imposição e fuga?

Sabendo-se, desde logo, que este gato é *furtivo* e sabendo, com Derrida, que o «furtivo» é «o fugaz, mas mais do que o fugaz. O furtivo é – em latim – o trejeito do ladrão: que deve agir muito rapidamente para me despojar das palavras que encontrei» – que há, portanto, uma ideia de «roubo» ou de «despojamento» nesta agilidade felina – há uma espécie de vocação, nos passos do gato, «para o invisível e silencioso perpassar do fugitivo, do fugaz e do fugidio»<sup>102</sup>. Há, a partir daqui, a tentação para nós próprios abriremos um parêntesis.

Um parêntesis é, no texto ou na fala, um instante furtivo, quase uma imposição da palavra sobre o discurso. Um parêntesis soa, por vezes, como uma «note fausse», mais do que uma «fausse note», «la note qui interrompt le passage, qui attire abusivement l'attention»<sup>103</sup>. Abre-se no parêntesis uma espécie de subtema, de *pop up*, dir-se-ia hoje, irrompendo quase à revelia.

Este parêntesis posiciona-nos num duplo reconhecimento: de estilo (que Nancy alerta ser sempre questão em filosofia<sup>104</sup>) e de forma (sendo que «forma», neste caso, é mais do que isso, numa potência criativa ou *forma formans*).

a) Reconhecimento de estilo: uma espécie de energia de escrita e de postura, ou uma espécie de murmúrio a querer afirmar-se, monossilabicamente, como que numa fractura exclamativa: a onomatopeia em Nancy.

<sup>102</sup> «Le furtif est fugace mais il est plus que le fugace. Le furtif, c'est – en latin – la manière du voleur; qui doit faire très vite pour me dérober les mot que j'ai trouvés» J. Derrida, «La parole soufflé», in: *L'écriture et la différence* (Paris: Ed. Seuil, 1967), 264.

<sup>103</sup> Marie-Louise Mallet, *La musique en respect* (Paris: Galilée), 13.

<sup>104</sup> J-L Nancy, «Golpe de estilo», in: *O peso de um pensamento*, 83-91.

A onomatopeia interpõe-se, abrindo e interrompendo a sua escrita numa quase pontuação. Numa respiração, se quiserem. Ela lá está, abrindo, por exemplo, um texto como «Interlúdio: música mútica»<sup>105</sup> e apelando a escutar «este silêncio do sentido»<sup>106</sup>; ela inclusivamente intitula, no título balbuciado em «Borborygmes», falando a Derrida, de Derrida, «comme une inquiétude (...) de répondre par un grognement inarticulé»<sup>107</sup>. E uma onomatopeia diferenciadora, inclusivamente nos discursos singularizados, cada um em seu tom e timbre, na herança e na promessa da Desconstrução. Uma exclamação sublinhada de viva voz pelo filósofo, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra<sup>108</sup> e em resposta a Ginette Michaud, ao revisitar os «gestos filosóficos» de Derrida, Lacoue-Labarthe e do próprio Nancy: «Ce serait «Hélas» pour Lacoue-Labarthe, «Salut!» pour Jacques Derrida et «Oh!» pour moi». «Portée exclamative», comenta Ginette Michaud, mais genericamente atribuível ao «geste poétique de l'art»<sup>109</sup>.

Eis então a onomatopeia no título, no princípio, no meio e no fim. Como perpassa, aliás, no apelo de um corpo que se pensa, se endereça e se *excreve* como corpus de *escrita*, para se esbater enquanto discurso na abertura voraz de uma onomatopeia exclamativa. Ou doce. Mas sempre cadente, percutiva ou pendular... O que nos leva ao nosso segundo reconhecimento.

**b)** Trata-se de um reconhecimento de *forma*, que é sempre mais do que mera formalidade. Um reconhecimento assinalando um certo tom de percussão, justamente, numa espécie de violência ou, pelo menos, de postura incisiva que frequenta o pensamento da política: imprevisão, baque, irrupção, toque de baqueta, golpe... tudo serve para assinalar a forma de dizer desta dissonância.

Há, no discurso que tem a política como motivo, a tentação de um certo tom percutivo... no mínimo pontuando ou ritmando a fluência. Um tom que não é específico de qualquer orientação política de discurso mas, antes de mais, é expressão de acutilância do todo do sentido, como quando se afirma a ressonância de um «*ataque* do sentido», orientado para um pensamento à escuta:

---

<sup>105</sup> J-L Nancy, *À Escuta*, trad. de Fernanda Bernardo (Belo Horizonte: Ed. Chão da Feira, 2014), 43-74.

<sup>106</sup> J-L Nancy, *À Escuta*, 47.

<sup>107</sup> J-L Nancy, «Borborygmes (*soi de soi débordé*)», in : *La Pensée Dérobée*, *op. cit.*, 45

<sup>108</sup> Na Jornada de Estudo «Aproximações da «arte» e da «política» – em torno de Jean-Luc Nancy», que marcou uma das passagens de Jean-Luc Nancy pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Cf. *Endereçamentos. Saudando Jean-Luc Nancy em Coimbra/ Adresses. Saluant Jean-Luc Nancy à Coimbra*, org. Fernanda Bernardo, *op. cit.*

<sup>109</sup> G. Michaud, *Cosa Volante*, 355.

...«e esta expressão não seria uma metáfora: o começo do sentido, a sua possibilidade e a sua enviadela, o seu endereçamento, não tem talvez lugar em nenhum outro lugar senão num ataque sonoro»<sup>110</sup>

**a-b)** Respondendo à questão «O que resta da política?», Nancy reconhece uma espécie de obsolescência da política, atentando na sua dupla vinculação ao registo republicano, como plano imanente de criação do sentido e, por outro lado, ao registo democrático, em que a soberania passa a ser questão do povo, na produção do espaço que é público<sup>111</sup>.

Esta questão, ou este filosofema – povo – será sempre problemático no presente contexto. Basta aludir (não mais do que aludir) à leitura de Derrida, à sua desconfiança para com a palavra «povo». Uma palavra que é *uma enunciação que produz o enunciado*, logo, que fará o seu percurso quanto, por exemplo, ao problema da «representação» e da «democracia» no modo como se implicam e na necessária desconstrução dos seus domínios. Uma palavra como «povo» que, como que numa de cada vez reeditada *Declaração de Independência*, ora assina constativamente o seu próprio percurso ora se produz performativamente nessa mesma assinatura. Tal acto encena uma espécie de «fabulosa retroactividade», como diz Derrida<sup>112</sup>, no tom de uma Democracia saudada na abertura que a promete, e para a qual a véspera não é ainda amanhã<sup>113</sup>. Para Nancy, por seu lado, há uma assunção política, apesar de tudo, da Democracia<sup>114</sup> e, nesse compromisso, a possível inscrição dos termos de um regime, mormente o seu sujeito: «le peuple souverain s'avance»<sup>115</sup>. O povo afirma-se porque, como discute, «il y a bien quelque chose comme du peuple»<sup>116</sup>.

De qualquer maneira, destaca-se um efeito de contraste entre política, no seu desdobramento democrático – regimes sem fundamento transcendental, logo, em permanente estado de reinvenção<sup>117</sup> – e quotidianas rendições a mecanismos infra ou supra-políticos, potencialmente naturalizadores das desigualdades ou encobertamente autoritários.

<sup>110</sup> J-L Nancy, *À Escuta*, 52

<sup>111</sup> J-L Nancy, «Bramido comum», 335-338. Lembremos que este texto destinou-se originalmente a um inquérito feito a vários intelectuais franceses, cujo resultado foi publicado num número temático da revista *Lignes*. Cf. collectif, *Lignes* 41 (2013), 111-114.

<sup>112</sup> J. Derrida, *Otobiographies. L'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre* (Paris : Galilée, 2005), 22.

<sup>113</sup> J. Derrida, *Vadios*, 209.

<sup>114</sup> J-L Nancy, «Le désir des formes», 214-215.

<sup>115</sup> Cf. J-L Nancy, «Ré-Fá-Mi-Ré-Do-Si-Do-Ré-Si-Sol-Sol», in: *La démocratie à venir. Autour de Jacques Derrida*, org. Marie-Louise Mallet (Paris: Galilée, 2004), 341-359.

<sup>116</sup> J-L Nancy, *La possibilité d'un monde*, 68.

<sup>117</sup> Cf. J-L Nancy, «Démocratie finie et infinie», in: *Démocratie, dans quel état?*, Giorgio Agamben et al. (Paris: La fabrique, 2009), 84-85.

Mas é também aqui que, para Nancy, falta/é preciso [il faut] política. E é aqui, também, que a abertura a «espaços de sentido» é requisitada, formulada nesta resposta nancyana como «revolta». Tal revolta não deixa de se afirmar como onomatopeia, como cadência percutiva – o estilo e a forma atrás ensaiados –, como incisão enquanto separação e condição do singular<sup>118</sup>.

Questão de estilo e de forma: a revolta que falta é, começa por ser, onomatopeia<sup>119</sup> endereçada ao «em comum», como uma irrupção, como um singular-plural. Escreve Nancy:

«O pensamento do singular plural deve pensar a rasgadura da margem, a experiência da exposição ao longínquo e ao incerto, ao perigo da travessia e à possibilidade da deriva tanto quanto da chegada.»<sup>120</sup>

Singular e plural ao mesmo tempo e a cada tempo, ou registo partilhado do ser – eis um pressuposto de relevância política que antecede e excede a política. Vigia-a, precede-a, interrompe num parêntesis abrupto e *a passo de gato*...

Passo a passo porque, como lembra Nancy, «l'essence de l'être est le coup»<sup>121</sup> - o golpe de uma vez, uma onomatopeia. Convém à lógica do endereçamento a exclamação, a travessia... E a travessia é também esta onomatopeia pré-política que, como excesso anárquico e arqui-originário, é *herança e promessa da Desconstrução*.

### Notas Conclusivas: Europa lida em voz alta

Conclua-se precipitadamente, reticentemente – a passo de gato!

Não sem assinalar, todavia, a urgência e a inscrição de uma determinada atitude leitora. Toda a leitura é experiência e exercício, pelo que nenhuma leitura que faça jus à responsabilidade da invenção que lhe é inerente se pode escudar no véu da neutra inocência. Nela se articula o jogo simultâneo de *retirada* e de *retraçagem* políticas, no que já Maurice Blanchot concebia como *activa atenção* da vigilância intelectual<sup>122</sup> – essa, engendrada na fina distância entre recolhimento e alcance, entre discrição e resistência. Uma política em processo de *reelaboração radical*<sup>123</sup>, retraçagem ou recuo. Frágil radicalidade!

<sup>118</sup> Cf. J-L Nancy, *O Peso de um Pensamento*, 135.

<sup>119</sup> J-L Nancy, «Bramido comum», 338.

<sup>120</sup> Cf. J-L Nancy, *O Peso de um Pensamento*, 143.

<sup>121</sup> J-L Nancy, *Être Singulier Pluriel*, 53.

<sup>122</sup> Cf. Maurice Blanchot, *Les intellectuels en question* (Tours: Farrago, 2000), 12.

<sup>123</sup> Assim o afirma Jacques Derrida, em entrevista concedida a Michael Sprinker: «S'il y a une articulation possible entre déconstruction et politique, cela doit impliquer

Ao contrário do que um mumificado e reabilitado senso comum veicula, toda a leitura ressoa e repercute. Em *tempos de indigência*, também a leitura, como experiência de plena afirmação de um *fazer*<sup>124</sup>, responde à pergunta ‘*que fazer?*’, essa que o filósofo Jean-Luc Nancy coloca no centro de um outro pensamento do *fazer* da política, lendo-se, para além da política, o desejo de uma outra política. Lendo-se na leitura que, no dizer de Derrida, é um olhar à escuta<sup>125</sup>. E à escuta, ou a partir da escuta, a leitura dessitua-se de qualquer tentativa de unidade, tendendo para a própria escrita enquanto despossessão permanente. A sua vocação murmurante é reconhecida, por Nancy, na *leitura em voz alta*<sup>126</sup> – como sentido suspenso da trepidação de uma voz, fugindo à parcialidade do gesto que ensaie capturar uma definição ou conceito de ‘ler’. Pensando-se na hegemonia da presença e da voz como presença, o «discurso vivo e animado»<sup>127</sup> que modula a tradição como *logos* e como *phoné*<sup>128</sup>, trata-se antes da leitura reafirmada como *frágil radicalidade*, firmemente inscrita na desconstrução como pensamento.

Uma frágil radicalidade impõe-se fora do presente vivo de uma Europa, de uma tradição europeia, da dupla feição em que se dá à leitura e se faz na leitura: Europa nunca conceptualmente estabilizada, estagnada ou sequer cristalizável; Europa nunca conceito. Ler a Europa, hoje, é reconhecer um esgotamento «de todas as possibilidades de discurso e de contra-discurso sobre a sua própria identificação»<sup>129</sup>, almejando ao mesmo tempo não desesperar de uma outra leitura, simultânea e fremente. Lembrando, com Derrida:

«Aquilo a que chamo «desconstrução», mesmo quando é dirigida contra qualquer coisa da Europa, é europeia, é um produto, uma relação a si da Europa como experiência da alteridade radical.»<sup>130</sup>

---

une réélaboration radicale du concept de politique, tel qu’il circule en général.» Jacques Derrida, *Politique et Amitié*, 80.

<sup>124</sup> Lembrando, com Blanchot, tratar-se de uma experiência não exatamente produtiva, por concretizar o sentido de um «fazer» como plena afirmação. Cf. Maurice Blanchot, *L’Espace Littéraire* (Paris: Gallimard), 255.

<sup>125</sup> J. Derrida, *Memórias de Cego. O auto-retrato e outras ruínas*, trad. de Fernanda Bernardo (Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2010), 10.

<sup>126</sup> J-L Nancy, *Demanda*, 278.

<sup>127</sup> Cf. Platão, *Fedro*, 276a, trad. de José Ribeiro Ferreira (Lisboa: Ed. 70, 1997, 122).

<sup>128</sup> Cf. particularmente J. Derrida, «La pharmacie de Platon», in: *La Dissémination* (Paris: Seuil, 1972), 77-213; J. Derrida, *De la grammatologie* (Paris: Éd. de Minuit, 1967); J. Derrida, *A voz e o fenómeno*, trad. de Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito (Lisboa: Ed. 70, 1996).

<sup>129</sup> J. Derrida, *O outro cabo*, trad. de Fernanda Bernardo (Coimbra: A Mar Arte, 1995), 104.

<sup>130</sup> J. Derrida, *Aprender finalmente a viver*, trad. de Fernanda Bernardo (Coimbra: Ariadne, 2005), 46.

Pensar a partir da Europa passa pelo avivar responsável da sua «memória nocturna», enlutada pelas várias «monstruosidades do totalitarismo europeu»<sup>131</sup>, como sombra do influxo afirmativo que dita a sua reinvenção. Apelo de uma outra Europa, tornado mais urgente quanto duplamente ensombrado pelos milhares de pessoas que morrem à vista das suas fronteiras, como insubstituíveis testemunhas das «novas cortinas de ferro»<sup>132</sup> que amuralham e cristalizam a compósita identidade europeia. Assim se acusa a solidez com que o rosto de uma certa e desencantada Europa domestica o gesto político da sua reinvenção, numa experiência de repolitização que assombra responsabilmente a herança europeia no sentido de lograr «inventar a sua norma ou a sua regra»<sup>133</sup>.

Eco da desconstrução, «abalo sísmico irreversível»<sup>134</sup> no tradicional conceito de política, uma *Europa lida em voz alta* reclama o tremor que, como rítmica abertura ao que acontece<sup>135</sup>, põe novamente em jogo o sentido de um pensamento da relação impedido de se «coagular numa massa ou num destino»<sup>136</sup>. Foco de resistência, esta *frágil radicalidade* inscreve a sua voz na urgência do mais pesado dos tempos, não abdicando da sua firmeza vulnerável como apóstrofe, antecipação e resistência para com os poderes mais invasores, perante os quais se resguarda em felino recuo.

---

<sup>131</sup> J. Derrida, «Carta à Europa. «Dupla memória»», *Revista Filosófica de Coimbra*, 46 (2014), 471.

<sup>132</sup> J. Derrida, «Manquements du droit à la justice», *Lignes* 47 (2015), 223.

<sup>133</sup> J. Derrida, «Non pas l'utopie, l'impossible», in: *Papier Machine* (Paris: Galilée, 2001), 357.

<sup>134</sup> Marc Goldschmidt, «La politique depuis la fin du monde», *Lignes* 47 (2015), 62.

<sup>135</sup> Cf. J. Derrida, *Séminaire La bête et le Souverain, I (2001-2002)* (Paris: Galilée, 2008), 113-114.

<sup>136</sup> J-L Nancy, «Política e/ou Política», 43.

(Página deixada propositadamente em branco.)